

O SUJEITO FORMADOR SENSÍVEL: RUMO AO ENRIQUECIMENTO DE UMA QUALIDADE DE INTERAÇÃO NO ATO DE FORMAR

THE SUBJECT SENSITIVE PROFESSOR: TOWARDS THE ENRICHMENT OF QUALITY IN INTERACTION DURING THE ACT OF FORMING

Catarina Santos¹
catarinasantos.spp@gmail.com

ISSN 1982-8632



Revista
@mbienteeducação.
6(1): 113-23, jan/jun,
2013

113

O sujeito formador sensível: rumo ao enriquecimento de uma qualidade de interação no ato de formar

Santos C

RESUMO

O presente artigo apresenta a dinâmica de uma investigação de doutorado que teve como objetivo identificar, junto de formadores universitários, a influência da abordagem do Sensível no ato de formar. Através de um processo compreensivo e interpretativo, a autora esclarece em quê e de que maneira a experiência subjetiva e singular vivenciada de um corpo Sensível enriquece a qualidade de interação no ato de formar, de acordo com os seus resultados de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito da Educação • Interação Professor-Aluno • Qualidade do Ensino • Formação Acadêmica

ABSTRACT

This paper presents the dynamics of a doctoral research that aims to identify the influence upon the Sensible approach with university professors in their ability to form other people. Through an understanding and interpretation process of research, the author clarifies in what and how the subjective experience and individual experienced a sensitive body enriches the quality of interaction in the act of forming, according to her research results.

KEY WORDS: Subject of Education • Teacher-Student Interaction • Quality of Teaching • Academic Formation

¹ Psicopedagoga (curativa e perceptiva) e doutora em Ciências da Educação/Universidade Paris XIII/Nord. Investigadora no CERAP, Centro de Estudos e Investigação Aplicada em Psicopedagogia perceptiva (no original Centre d'Études et de Recherche Appliquée en Psychopédagogie perceptiva – www.cerap.org) da Universidade Fernando Pessoa – UFP – Porto, Portugal. Professora assistente convidada da UFP.



INTRODUÇÃO

Eu desejo, com este artigo, apresentar a minha dinâmica de investigação de doutorado em Ciências da Educação, em torno do tema “O sujeito formador Sensível”. Esta investigação visava introduzir a questão da relação subjetiva do formador com o seu próprio corpo e oferecer uma perspectiva de como esta relação subjetiva se manifesta no ato de formar.

Ao iniciar a fase de redação deste texto que tem por objetivo relatar o meu percurso de pesquisa de doutorado, estou ciente da dificuldade de um tal exercício, a dificuldade de, ao revisitar um trabalho que foi realizado durante cinco anos, querer contar tudo o que foi vivido, tudo o que foi feito.

Por essa razão, optei por me concentrar no aspecto do desenvolvimento do enriquecimento da qualidade da interação no ato de formar, um dos aspectos que eu destaquei na minha pesquisa. Assim, e no âmbito de sumarizar a apresentação do meu doutorado, escolhi apresentar neste artigo a modelização daquela que considero ser uma parte importante dos resultados obtidos. Uma escolha que me parece justificada: por um lado, pela evidência do interesse científico em torno da comunicação dos frutos deste trabalho – a questão da relação subjetiva do formador com o seu próprio corpo (especialmente no que diz respeito ao formador universitário), com todos os problemas metodológicos necessários inerentes a tal pesquisa é, infelizmente, ainda muitas vezes suspeita nas ciências humanas e, de alguma forma, muito pouco estudada –; por outro lado, e na medida em que este artigo será publicado na revista eletrônica @mbienteeducação, do Mestrado de pós-graduação em Educação da Universidade da Cidade de São Paulo, no Brasil, esta modelização que apresento poderá fornecer uma base de reflexão aos formadores em formação. Este programa, que existe desde 1997, oferece aos profissionais da educação e

da formação a possibilidade de se formarem não somente para as metodologias de investigação científica, mas também para a intervenção no campo da educação e da formação, produzindo simultaneamente uma teorização fundamentada na articulação das práticas do terreno com as políticas públicas de educação em vigor no Brasil.

O meu tema de doutorado não foi escolhido ao acaso. Por um lado, ele me permitia abordar questões de natureza pessoal, pois enquanto formadora tento questionar, enriquecer e renovar – de forma sistemática – o sentido da minha vida existencial e profissional. Por outro lado, noto hoje que, por detrás dessa escolha, estava implícito um desafio de universalidade, um desafio forjado no questionamento da postura de um formador universitário, quando este desenvolve uma relação Sensível com o seu próprio corpo.

O termo Sensível, que vou usar neste artigo, não se refere aos cinco sentidos, como na sua acepção tradicional, nem tão pouco se refere ao sentido proprioceptivo. Trata-se de um conceito específico, desenvolvido por D. Bois:

A dimensão do sensível como eu a defino nasce de um contato direto, íntimo e consciente de um sujeito com o seu próprio corpo. [...] Quando abordo a dimensão do sensível, inscrevo-a numa relação a certas manifestações vivas da interioridade do corpo. Desta forma, eu não falo percepção sensível, utilizada na percepção do mundo em geral, mas da percepção do sensível, uma percepção oriunda e emergente de uma relação entre mim e eu próprio. (BOIS, 2007, p. 14).

No sentido de assinalar essa distinção, o termo Sensível não é visto aqui enquanto um adjetivo, mas como um substantivo; é, aliás, por essa razão que a equipe do CERAP*¹ se orientou gradualmente na escrita desse termo com um S maiúsculo, no âmbito de tornar visível a especificidade dessa acepção.



Na verdade, a minha questão acerca do papel do corpo na construção do sujeito como formador está enraizada na minha própria formação profissional orientada para a saúde do corpo, que encoraja o enriquecimento e o desenvolvimento das potencialidades do ser humano; potencialidades estas baseadas na vivência da experiência subjetiva da singularidade corporal. Foi, particularmente, a minha experiência enquanto psicopedagoga e somato-psicopedagoga que me levou a conhecer a nível teórico e experimental, o papel crucial desempenhado pela relação ao meu próprio corpo na minha construção enquanto sujeito e, mais tarde, o enriquecimento da minha postura enquanto formadora. Com efeito, a somato-psicopedagogia*² é um método de acompanhamento e de cuidado, criado por Bois (2005), que convida a pessoa a uma experiência inédita de si mesma; através de estratégias de aprendizagem que solicitam a atenção e a percepção, a somato-psicopedagogia ensina a pessoa a sentir o próprio corpo, a fim de estabelecer uma ligação entre o seu corpo e a própria pessoa.

Através de uma pedagogia que combina toque, movimento e expressão (oral ou escrita), esse método oferece à pessoa acompanhada a possibilidade de explorar sua relação consigo própria, com os outros e com o mundo. As suas relações são, então, revisitadas a partir de uma vivência específica do seu corpo. A somato-psicopedagogia forma a pessoa para enriquecer as suas maneiras de ser e para desenvolver competências, aptidões, habilidades e conhecimentos, através da exploração de uma “subjetividade corporal”. O processo da somato-psicopedagogia na exploração dessa “subjetividade corporal” requer e implementa, num movimento simultâneo, um enriquecimento relativo aos vários instrumentos internos da cognição, tais como a atenção, a percepção, o pensamento, a memória ou a empatia, quando estes estão ao serviço da vivência do cor-

po. Esses instrumentos, igualmente centrais para o processo de aprendizagem, são aqui investidos num objetivo de natureza particular de prática e de formação de si próprio. Vivendo eu própria o processo através do qual o meu “corpo Sensível” participa da minha construção enquanto sujeito e enquanto formadora, pude conduzir esta reflexão no meu doutorado em primeira pessoa, encarnando a minha própria postura. Esta reflexão parece ter, por sua vez, implicações concretas no domínio da formação de adultos, o que justifica amplamente a escolha do tema da minha investigação.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DE INVESTIGAÇÃO

Através da minha investigação, quis determinar a influência da abordagem do Sensível junto de professores universitários, especialmente no que concerne ao ato de formar, e quis responder à questão que orientou todo o meu doutorado: **Em quê e de que maneira a experiência de Sensible enriquece a postura do formador?**

Esta abordagem Sensível promove o desenvolvimento das potencialidades humanas, através da consolidação de uma abordagem psicopedagógica da saúde, baseada no enriquecimento perceptivo-cognitivo, um verdadeiro processo de aprendizagem, no âmbito de estabelecer uma base de relação a si próprio, baseada na subjetividade corporal. Um enriquecimento que mobiliza a dimensão de ser um sujeito e essa mobilização é ainda mais crítica devido ao facto de se inscrever no contexto da formação psicossocial e de se centrar nas potencialidades humanas.

Essa orientação de investigação permitiu-me, então, desenvolver uma temática original na área das ciências humanas utilizando, para tal, uma psicopedagogia baseada na mediação corporal das potencialidades perceptivas humanas. Nesse contexto, a experiência do corpo Sensível é considerada não



apenas como um lugar de formação e de enriquecimento de si, mas também de aprendizagem. A minha pesquisa de doutorado visou, assim, prolongar os eixos de investigação do CERAP e teve como objetivo o de compreender melhor a influência da relação ao corpo Sensível na postura do formador. Eu quis estudar e analisar a postura do “formador Sensível” no centro do ato de formar e aceder ao processo de enriquecimento da postura do formador em contato com a experiência proposta pela abordagem do Sensível.

Finalmente, eu também quis, através da minha investigação, entender a minha própria experiência singular do Sensível, no âmbito de melhor compreender como eu senti e sinto, vivi e vivo, ainda hoje, o processo de me tornar um sujeito Sensível. Paralelamente, quis identificar as várias figuras do sujeito que se desenvolvem em contato com a experiência do Sensível. Isso me iria permitir categorizar o que é desenvolvido em mim própria enquanto formadora que vive o processo de se tornar *sujeito Sensível* individual (ou seja, vivenciando o estabelecimento de uma relação a mim própria através da minha experiência do Sensível) antes de me tornar um *sujeito Sensível* coletivo (ou seja, vivenciando o estabelecimento de uma relação entre mim e os outros através da experiência do Sensível).

MOVIMENTO DE PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Pareceu-me óbvio que deveria realizar, no movimento de problematização teórica da minha tese, uma introdução à evolução do conceito de ‘sujeito’. Esse conceito possui uma carga secular devido aos inúmeros autores que se debruçaram sobre o tema. No entanto, e apesar disso, podemos observar que a literatura clássica nos oferece uma visão, ainda que rica de significação, dualista, onde ‘corpo’ e ‘sujeito’ se encontram frequentemente separados. Essa visão binária evi-

tou, durante séculos, uma reflexão em torno da conexão entre o espírito e a matéria e que no entanto, paradoxalmente, atravessou todas as correntes da filosofia da História, desde os pré-socráticos à filosofia ocidental e oriental. Mas apesar do grande interesse dessa questão, a minha intenção foi concentrar a minha investigação sobre o papel do corpo na construção do sujeito. Para tal, recorri às visões da filosofia e da sociologia que abordam esse tema de forma notável. Não se tratava de fazer um resumo da globalidade dos pensamentos e reflexões sobre o conceito de ‘sujeito’ e da relação deste com o ‘corpo’, mas de fornecer alguns parâmetros que permitiam construir um referencial de compreensão de base que serviu de fio condutor no entendimento do processo de se ‘tornar sujeito’.

O passo seguinte permitiu-me prolongar a minha ideia do início sobre as dimensões de ‘ser no mundo’ sob a perspectiva do Sensível; para tal optei por reposicionar a questão do ‘ser material’, do ‘ser sensitivo’, do ‘ser de afetos e de emoções’ que são de alguma forma preâmbulos ao ‘ser Sensível’. A questão do sujeito Sensível é para mim indissociável da dimensão do ser e, conseqüentemente, das questões ontológicas. Nessa etapa, me apoiei bastante nos trabalhos científicos realizados no CERAP para definir os contornos, as características e as questões relativas ao sujeito Sensível. No entanto, abordar somente a questão do ser para definir o sujeito Sensível seria insuficiente, uma vez que ela está ligada de forma intensa à dimensão do corpo vivo. E finalmente, para descrever o sujeito Sensível, me foi necessário interrogar a dimensão Sensível tal como ela foi concebida por D. Bois. Trata-se aqui, com efeito, de um conceito que se baseia na prática e reabilita o papel do corpo enquanto lugar de onde emergem conhecimentos oriundos da experiência subjetiva do corpo. Estamos aqui diante de uma



filosofia do contacto que veicula tanto um universo de tonalidades corporais internas, quanto uma atuação do eu que adquire a sua forma no centro de tonalidade viva e ontológica.

Finalmente, abordei o sujeito formador o, mais especificamente, a postura do sujeito formador. Como disse M.-C. Josso: “Ser um sujeito em formação, se formar enquanto sujeito consciente da sua formação.” (JOSSO, 2011, p 29.). Nessa perspectiva, o sujeito em formação deve enriquecer, desenvolver e implementar todas as capacidades ligadas ao seu ser profundo. Essa temática foi abordada segundo o ângulo do paradigma do Sensível, ou seja, o formador em processo de se tornar sujeito Sensível.

Uma investigação como a que realizei poderá suscitar, num primeiro momento, algumas questões relativas ao meu grau de implicação, já que parti da minha experiência pessoal, para depois questionar outros formadores. Na verdade, a minha questão de investigação que questiona em quê e de que forma a experiência do Sensível enriquece a postura do formador no ato de formar, parte do princípio de que a experiência do Sensível tem uma influência na pessoa; ora, no caso concreto da minha investigação, parto do princípio de que o Sensível tem uma influência na pessoa, sendo que a minha questão é compreender de que maneira essa influência se manifesta na postura do formador no ato de formar. Atualmente se realizaram cerca de setenta trabalhos no CERAP (entre mestrados e doutorados) que demonstram que a experiência do Sensível enriquece a pessoa na sua maneira de ser, o que se manifesta na sua relação com si própria, com os outros e com o mundo. Por essa razão, parti desse princípio de base previamente trabalhado por todas as investigações precedentes, enquanto conhecimento adquirido, procurando saber e compreender como se passa essa influência no ato de formar.

A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES NA INVESTIGAÇÃO

O meu processo de doutorado começou, então, quando coloquei uma questão de base: será razoável formarmos alguém e manter uma distância consigo próprio, nomeadamente numa relação pedagógica que visa ajudar os alunos a se tornarem sujeitos de sua formação? Essa questão me convidou a considerar o grau de implicação do formador que, dependendo da qualidade de sua presença, poderá ou não instalar uma dinâmica interativa como base da sua relação pedagógica. A pesquisa literária para a elaboração do meu quadro teórico me levou, assim, a melhor definir o projeto final da minha investigação, que tinha como questionamento de base o papel da presença do formador a si próprio, de acordo com a perspectiva do Sensível, na relação pedagógica. Eu tinha como *hipótese empírica* que a relação sensível influenciava a postura do formador no ato pedagógico; mas essa crença não era suficiente para conhecer profundamente o processo e as modalidades específicas da relação ao Sensível na postura e na prática do formador, da mesma forma que essa certeza não me permitia identificar de forma precisa o tipo de influência da postura do sujeito Sensível na ação pedagógica.

Para tal, escolhi realizar minha pesquisa junto de formadores universitários em psicossociologia da Universidade de Quebec em Rimouski (no original *Université du Québec à Rimouski*, UQAR). Por que essa escolha? A psicossociologia ensinada nessa universidade enfatiza as práticas sociais e interações humanas. A intervenção psicossocial é encarada, dessa forma, como uma prática experimental de acompanhamento que toma em consideração tanto a situação individual como os processos relacionais.

A missão da psicossociologia na equipe de Rimouski, no Grupo de Pesquisa em Abordagem Somato-Pedagógico do Acompanhamento



(no original *Groupe de Recherche en Approche Somato-Pédagogique de l'Accompagnement*, Graspa) tem como objetivos:

- Formar profissionais no acompanhamento à mudança humana.
- Propor um acompanhamento centrado na pessoa.
- Formar profissionais (praticantes e investigadores), capazes de produzir conhecimentos e significados, renovando as suas práticas e a si próprio enquanto sujeitos conhecedores e ativos.

Embora o ensino da psicossociologia não introduza explícita e formalmente a dimensão do Sensível, graças à colaboração pedagógica e científica entre a UQAR e a UFP, a maioria dos formadores dessa disciplina tem beneficiado uma formação específica sobre a dimensão do Sensível, no acompanhamento pedagógico.

Pareceu-me, no entanto, apropriado realizar uma investigação sobre a postura do sujeito Sensível num contexto de aprendizagem que visa enriquecer o sujeito e colocá-lo no centro das suas práticas profissionais, pois esses formadores em psicossociologia constatarem empiricamente o enriquecimento das suas práticas através das suas experiências com o Sensível.

A escolha dos participantes da minha investigação se fez naturalmente, já que, entre todos os formadores em psicossociologia, apenas seis, ou seja quatro mulheres e dois homens, se formaram nas práticas do Sensível. Todos os participantes desta pesquisa, para preservarem o seu anonimato, escolheram estes pseudônimos: Guillaume, Léa, Jorge, Simone, Ila e Micha.

POSTURA EPISTEMOLÓGICA E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DO PARADIGMA DO SENSÍVEL

Habitar a postura de um sujeito formador Sensível é antes de mais nada encarnar e assumir escolhas epistemológicas inerentes à postura escolhida. A minha investigação foi habitada por uma necessidade profunda de compreender um fenómeno humano, razão pela qual escolhi fazer uma investigação qualitativa e utilizei uma postura implicada de praticante-investigador. Dessa forma, pude colocar a minha prática no centro da minha investigação, decidindo questionar outros formadores para melhor compreender como e de que forma a experiência do Sensível enriquece a postura do formador.

Assim, e no que concerne à minha metodologia, especialmente a escolha dos participantes na pesquisa, solicitei, como mencionei anteriormente, seis formadores universitários em psicossociologia formados nas práticas do Sensível que selecionei através de dois critérios de inclusão:

- Os participantes deveriam ser especialistas da formação, a partir de uma perspectiva que coloca o corpo sensível no centro da aprendizagem, isto significa que era necessário que os participantes fossem formados às práticas do Sensível de maneira intensa.
- Para além disso, me parecia importante que o objetivo da formação questionada fosse específico da prática das interações humanas, mas que não dependesse da dimensão do Sensível; ou seja, uma intervenção psicossociológica faz-se junto de sistemas de várias ordens (um indivíduo, uma díade, um pequeno grupo, uma equipe de trabalho, um subsistema, um sistemas complexo, uma comunidade ou uma organização) que utilizam uma paleta de nuances imensa, nas quais encontramos a relação

de ajuda, o *coaching*, o aconselhamento, a mediação, a animação, a formação, a análise, o *feedback* e as técnicas de diálogo coletivo.

Alguns dos formadores universitários em psicossociologia da Universidade do Québec em Rimouski reúnem esses dois critérios. Na realidade, quando os alunos são formados nas práticas do Sensível, a interação com os formadores se faz, naturalmente, sob uma forma de reciprocidade que influencia, sem dúvida, a postura do formador na ação pedagógica. Ora, o que eu queria estudar era justamente a influência da postura do sujeito Sensível num contexto pedagógico mais generalizado.

Por essas razões, escolhi recolher os testemunhos dos participantes através de uma entrevista semiestruturada que utilizei enquanto técnica de investigação, com a finalidade de dar voz aos participantes. Pareceu-me relevante para o meu trabalho ter acesso ao desenvolvimento do pensamento dos participantes em tempo real, o que me permitiria melhor captar o conteúdo do processo de transformação *in situ*, no âmbito de compreender os acontecimentos relatados e observar a evolução durante a entrevista. Para tal construí um guia de entrevista, intimamente ligado aos objetivos da minha investigação e baseado em sete categorias específicas, que visavam obter índices de resposta aos objetivos e à questão de investigação.

PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

Análise classificatória

No espírito da teoria fundamentada, a ferramenta básica de análise é a utilização do conceito de categoria. Assim, em todas as fases da minha análise, eu privilegiei a categorização. Em primeiro lugar, como uma ferramenta descritiva e classificatória e posteriormente como uma ferramenta de teorização. Desse modo, o uso das cate-

rias tem dois significados, um genérico e outro teórico designando, então, um fenômeno que aparece no texto transcrito e selecionado pelo investigador durante a análise como sendo pertinente.

Assim, e numa primeira etapa, a análise que realizei foi de natureza classificatória e baseada nas categorias definidas previamente, oriundas dos objetivos e da questão de investigação, denominadas de categorias *a priori* (PAILLÉ e MUCCHIELLI, 2008). A etapa seguinte permitiria descobrir e definir as categorias emergentes que resultaram da análise rigorosa da fase precedente. Essa abordagem categórica foi aplicada a cada uma das entrevistas de forma a explorar exhaustivamente a totalidade dos dados recolhidos, respeitando sempre a singularidade de cada entrevista e dos propósitos enunciados por cada participante.

Análise fenomenológica: a intriga fenomenológica caso a caso

Na fase seguinte da minha análise, escolhi apresentar os resultados sob a forma de uma intriga fenomenológica, que oferece uma consistência à leitura e à compreensão da análise classificatória efetuada. A intriga fenomenológica implementa uma abordagem em duas fases: uma verdadeira *cronologia temporal* no sentido de traçar a gênese da experiência do participante; e uma narrativa coerente, que parte de uma formulação geral para se refinar gradualmente em detalhes singulares a cada participante. Ao reler as intrigas fenomenológicas, assistimos a uma reconfiguração do que foi testemunhado pelo participante como se se tratasse de uma narrativa profundamente enraizada e consistente com os dados.

Análise hermenêutica

A última fase da minha análise englobou dois momentos específicos.





Um primeiro momento que dediquei a uma *análise hermenêutica caso a caso* realizada através de uma inspiração oriunda dos trabalhos acerca da hermenêutica de W. Dilthey (1947) e uma hermenêutica interpretativa de Gadamer (GADAMER, 1960). Nessa primeira fase, conduzi a análise hermenêutica caso a caso para identificar os quatro elementos principais que emergiram da intriga fenomenológica:

- A postura do sujeito antes da experiência do Sensível e os seus índices de progressão;
- O encontro com o quadro de experiência e de descoberta do Sensível;
- O processo de renovação da postura de sujeito em contato com o Sensível;
- As posturas básicas que influenciam o ato de formar.

Um segundo momento que destinei a uma *análise hermenêutica transversal*, na qual realizei um cruzamento dos dados dos seis participantes que me permitiu criar ligações entre as diferentes experiências, bem como esclarecer cada intriga fenomenológica e atribuir-lhe um significado e uma nova interpretação. Esse procedimento também me permitiu promover a emergência de significados que poderiam passar despercebidos se eu não fizesse um cruzamento dos dados dos seus participantes. Esse momento de análise me deu a oportunidade de não me limitar a uma análise singular e, no âmbito de conservar uma coerência para uma melhor compreensão, os resultados foram apresentados na mesma ordem que na análise hermenêutica caso a caso.

RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO RELATIVOS À QUALIDADE DA INTERAÇÃO

No âmbito de responder à minha questão de investigação “Em quê e de que maneira a experiência do Sensível enriquece a postura do formador?”, eu

centrei a minha análise sobre o que eu chamei as posturas de base que influenciam o ato de formar. Um dos aspectos realçados através dos testemunhos dos participantes na investigação é o enriquecimento da qualidade de interação entre formadores e alunos e entre a equipe de formadores. Com efeito, durante a análise pude referenciar um conjunto de posturas de base específicas da postura do sujeito formador Sensível, posturas essas que encontrei em cada um dos participantes da minha investigação; elas são, assim, constituídas de convicções, de ideais de referência e de conhecimentos que se inscrevem nas estratégias de formação do próprio formador e influenciam o ato de formar. Esses resultados me levaram a identificar os diferentes contornos e as características da interação entre o sujeito formador Sensível e os alunos.

O sujeito formador Sensível está, desse modo, no centro do processo de implementação da interatividade do Sensível. Os participantes da pesquisa nos mostraram que um outro tipo de interatividade se instala através da experiência do Sensível; para tal, os participantes referiram um trabalho prévio de preparação, durante o qual o sujeito formador Sensível convoca as condições necessárias para implementar uma presença a si próprio sob o modo do Sensível. Através de um esforço ao nível da sua percepção e da sua atenção, o sujeito formador Sensível se torna capaz de transferir o que vive na experiência do Sensível, na sua subjetividade corporal singular, para o grupo. Nesse caso, assistimos à emergência de um nível de interatividade de natureza encarnada (oriunda da subjetividade corporal singular) que é partilhada pelo grupo através do fundo perceptivo comum e que é instalada progressivamente na formação, sob o modo da reciprocidade com o grupo via ressonância corporal.

O formador se descobre, graças a essa interatividade encarnada, pois esta favorece a sua adaptabilidade às emergências e enriquece não somente a sua



postura de formador mas também a sua atitude pedagógica no ato de formar, especialmente no que concerne às suas tentativas de captar eventos emergentes e criativos. A interatividade do Sensível ajuda o formador a encontrar a postura mais adequada para se deixar levar pelo processo que emerge do grupo, e também o ajuda a melhor entender os alunos e a descobrir e assumir a sua palavra renovada e encarnada.

Através do esquema seguinte, sintetizo como o sujeito formador Sensível se situa no centro do processo de implementação da interação do Sensível. Este esquema mostra os contornos e os critérios de interatividade sob o modo do Sensível que surgiu da minha análise:

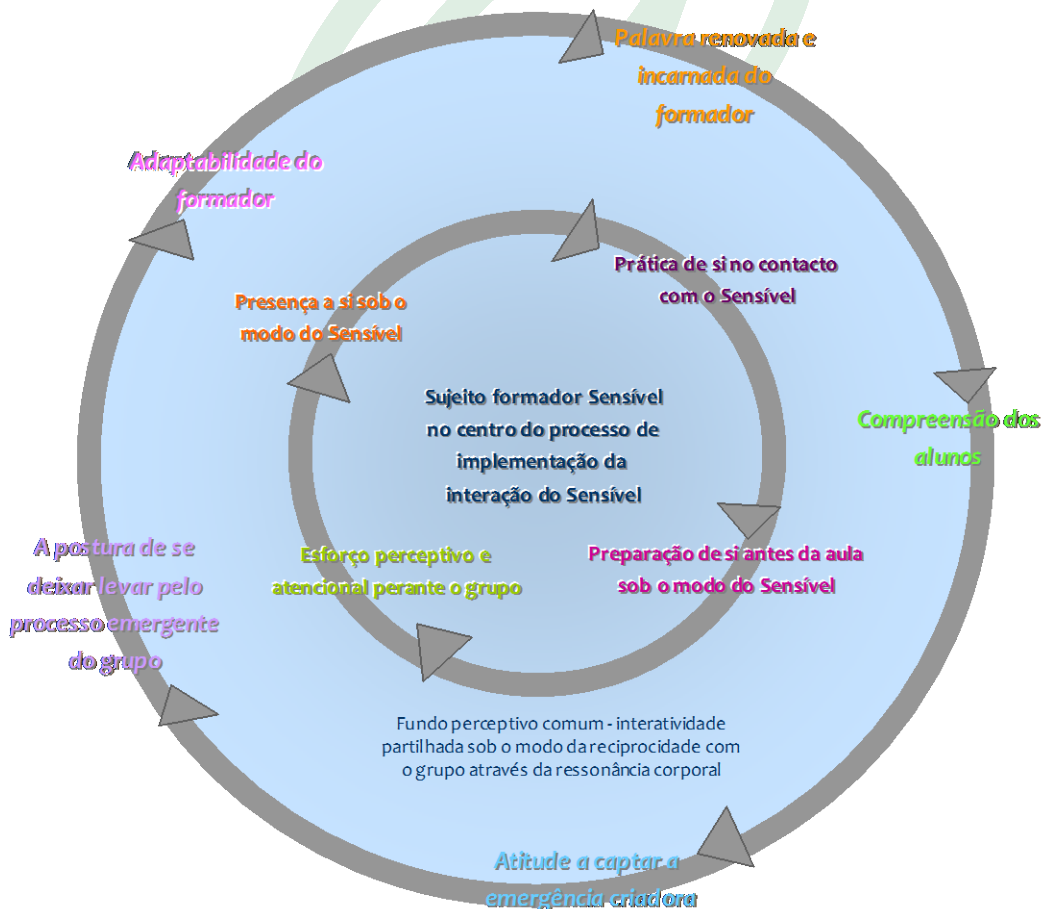
CONCLUSÃO

A experiência do Sensível oferece, assim, à pessoa a oportunidade de enriquecer uma variedade de relações –

consigo própria, com os outros e com o mundo – no âmbito de poder e, posteriormente, promover a renovação das suas maneiras de ser, consigo própria, com os outros e com o mundo. A pessoa torna-se então sujeito Sensível devido à escolha que ela fez, a de deixar emergir um sentido da sua experiência para se apropriar e integrar esse significado na sua vida existencial. O sujeito Sensível torna-se, então, capaz de se questionar sobre o sentido da sua vida através das suas experiências subjetivas corporais singulares e através de uma disciplina e treinos rigorosos.

Notamos também, neste processo de se tornar sujeito formador Sensível, a omnipresença do corpo (o termo é usado pelos participantes do doutorado). O corpo é aqui o lugar onde a pessoa pode forjar a postura de sujeito formador Sensível. É nesse face-a-face subjetivo e inédito com o corpo que o sujeito enri-

Esquema 1 – *O sujeito formador Sensível no centro do processo de emergência da interação do Sensível (SANTOS, p.417).*





quece as suas relações (consigo próprio e com as outras pessoas), sob o modo de reciprocidade (neste caso concreto entre formador e alunos, entre os diferentes formadores que constituem a sua equipe). Nessa perspectiva, a interatividade representa o aspecto central do ato de formar.

Se tivéssemos de desenhar um rosto do sujeito formador Sensível, poderíamos dizer que todos os recursos e as competências adquiridas durante a sua experiência do Sensível são resultado do enriquecimento da sua maneira de ser. Parece-nos então óbvio que não podemos desenvolver determinadas capacidades e competências sem solicitarmos a maneira de ser da pessoa como pano de fundo. De acordo com o testemunho dos participantes da investigação, o sujeito formador Sensível apresenta maneiras de ser que resultam em habilidades e se manifestam sob a forma de competências que o tornam capaz de se adaptar a situações que surgem na sala de aulas quando interage com os seus alunos. Essas estratégias inovadoras são necessárias para compreender a emergência criadora individual e grupal. A experiência do formador Sensível oferece a capacidade de criar condições de implementação de uma interação baseada numa reciprocidade sensível, e permite que o formador *se deixe levar* pelo processo que emerge na sala de aula, numa co-construção de um ato pedagógico. É, finalmente, um formador capaz de oferecer uma palavra sensível e gerar interesse e compreensão entre os alunos.

PERSPECTIVAS

Com esta investigação de doutorado, quis prolongar a discussão sobre a função da experiência do Sensível do

corpo em Ciências da Educação. Se na última década, a questão da educação do corpo tem ganho um interesse renovado e um novo significado na investigação em formação de adultos ao longo da vida (cf. por exemplo, *Revue Pratiques d'analyse et formation, Corps et formation*, n° 50 de 2005), podemos testemunhar simultaneamente a dificuldade de se considerar o papel que o corpo pode desempenhar na vida da pessoa (BERGER, 2009). Essa suspeição relativa ao corpo não é mais do que o resultado de uma sensibilidade “natural” que tira ao corpo e ao sujeito a oportunidade de viver plenamente, o que resulta numa dificuldade ou incapacidade de sentir através de seu corpo e, posteriormente, de se enriquecer, de se transformar.

O paradigma do Sensível na sua vertente universitária, a psicopedagogia perceptiva, faz parte das ciências humanas e sociais e incentiva a reflexão sobre a práxis de vida. A sua extensão profissional através da somato-psicopedagogia, encontra o seu lugar de direito no domínio dos métodos de formação de acompanhamento e de cuidado. A importância de uma investigação como a que realizei oferece a possibilidade de implementar no ensino universitário estratégias que ensinem aos formadores (sejam eles formados no paradigma do Sensível ou não) as posturas de base da interação do Sensível. Desenvolver essas capacidades, competências e posturas nos formadores poderá promover um questionamento do papel do corpo na formação de si próprio enquanto formador, reflexão *sine qua non* no projeto de aprender a “caminhar para si próprio” (JOSSO, 1991), para poder “caminhar em direção ao outro e, finalmente, descobrir como caminhar juntos” (BOIS, 2008), num ato de formar recíproco.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Centre d'Études et de Recherche Appliquée en Psychopédagogie perceptive; o CERAP é um laboratório de investigação da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) organizado em torno de uma temática original e inovadora das ciências humanas, a psicopedagogia da mediação corporal das potencialidades humanas; www.cerap.org

² Para obter mais detalhes sobre a somato-psicopedagogia, consultar BOIS, 2005; BOIS, 2006; BOIS e AUSTRY, 2007, e BERGER, 2006; BERGER, 2009.

REFERÊNCIAS

ISSN 1982-8632



Revista
@mbienteeducação.
6(1): 113-23, jan/jun,
2013

- BERGER, E. **La somato-psychopédagogie ou comment se former à l'intelligence du corps**: Ivry/Seine: Éditions Point d'Appui, 2006.
- BERGER, E. **Rapport au corps et création de sens en formation d'adultes: étude à partir du modèle somato-psychopédagogique**. 2009. (Doctorat). - Université Paris VIII, Paris, 2009.
- BOIS, D. **Corps sensible et transformation des représentations : propositions pour un modèle perceptif-cognitif de la formation**. 2005. Tesina (Didactique et organisation des institutions éducatives). - Université de Séville, Séville, 2005.
- BOIS, D. **Le moi renouvelé: introduction à la somato-psychopédagogie**: Ivry/Seine: Éditions Point d'Appui, 2006.
- BOIS, D. **Le corps sensible et la transformation des représentations de l'adulte**. 2007. (Doctorat). - Université de Séville, Séville, 2007.
- BOIS, D. De la fasciathérapie à la somato-psychopédagogie : analyse biographique du processus d'émergence de nouvelles disciplines. **Réciprocités**, n. 2, p. 6-18, mai. 2008.
- BOIS, D., AUSTRY, D. Vers l'émergence du paradigme du sensible. **Réciprocités**, n. 1, p. 6-22, nov. 2007.
- DILTHEY, W. **Le monde de l'esprit**: Paris: Aubier Montaigne, 1947.
- GADAMER, H.-G. **Vérité et méthode: les grandes lignes d'une herméneutique philosophique**: Paris: Seuil, 1960.
- JOSSO, M.-C. **Cheminer vers soi: le sujet en formation**: Lausanne: L'âge de l'homme, 1991.
- JOSSO, M.-C. **Expériences de vie et formation**: Paris: L'Harmattan, 2011.
- PAILLÉ, P., MUCCHIELLI, A. **L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales**: Paris: Armand Colin, 2008.
- SANTOS, C. **Le sujet formateur Sensible: analyse qualitative de l'influence de la posture de sujet sensible sur l'action pédagogique auprès d'une population de formateurs universitaires**. 2012. (Doctorat en Sciences de l'Éducation). - Université Paris XIII/Nord, Paris, 2012.